

A história feita por JÚLIO KUNZ

Dário Gonçalves
dario.goncalves@gruposinos.com.br

Quando o goleiro Alisson Becker entrou em campo para disputar mais uma Copa do Mundo com a camisa da seleção brasileira, reforçou um feito que todo hamburguense conhece: o de ver um atleta nascido em Novo Hamburgo representar o País no maior palco do futebol mundial.

O que poucos sabem é que essa história começou há muito tempo. Mais de um século antes de Alisson vestir a amarelinha, outro goleiro nascido em Novo Hamburgo já era um dos grandes nomes da seleção antes mesmo das Copas do Mundo existirem.

Titular na conquista do Campeonato Sul-Americano de 1922 — competição que hoje corresponde à Copa América —, Júlio Kunz Filho (embora muitas grafias mostrem “Kuntz”) era considerado um dos melhores goleiros do País e ganhou projeção internacional defendendo o Flamen-

go, onde conquistou dois Campeonatos Cariocas e recebeu da imprensa argentina um apelido que ajudou a eternizar sua fama: “El Colosso”. Segundo pesquisadores da história do Flamengo, o reconhecimento foi tão grande que o maestro argentino Francisco Canaro chegou a compor um tango em homenagem ao arqueiro.

Apesar da importância histórica, seus feitos praticamente desapareceram da memória coletiva, inclusive na cidade onde nasceu.

A história, porém, nunca desapareceu completamente. No Rio de Janeiro, onde Júlio Kunz constituiu família durante a carreira no Flamengo, o legado foi preservado pela viúva, Ondina Gomes Kunz (in memoriam). Foi dela que o neto, Júlio Kunz Neto, ouviu praticamente tudo o que sabe sobre o avô, já que seu pai, Antônio Guilherme Kunz, tinha apenas cinco anos quando o goleiro morreu, em 1938.

O começo em Hamburgo Velho

Filho de Nicolau Júlio Kunz, empresário, líder comunitário e personalidade que mais tarde daria nome ao tradicional Coral Júlio Kunz, da Sociedade Aliança, o futuro goleiro cresceu em uma família bastante conhecida em Hamburgo Velho. Nasceu em 3 de setembro de 1897, quando Novo Hamburgo ainda era distrito de São Leopoldo.

Enquanto o pai ajudava a construir a história econômica, política e cultural da então vila, o filho escreveria seu nome nos gramados. Os registros sobre o início da carreira apresentam lacunas, mas documentos preservados ajudam a reconstituir seus primeiros passos no futebol.

Guardião do que restou do

acervo histórico do extinto Football Club Esperança, Daniel Rönnau afirma que os indícios apontam que o goleiro integrou a primeira equipe do clube, fundado em 10 de maio de 1914. “O clube foi extinto e muito do acervo se perdeu. O máximo que consegui localizar foi uma cópia da ata de fundação e essa carta, escrita por um dirigente do Esperança quando o Júlio Kunz faleceu, relatando a ligação dele com Hamburgo Velho e com o clube desde muito jovem”, explica Rönnau. Depois da passagem pelo Esperança, foi para o Novo Hamburgo. Em 1917, transferiu-se para o Grêmio. Pouco tempo depois seguiria para o Rio de Janeiro, então capital federal.



Julio Kunz no Flamengo, em 1920



O primeiro grande goleiro do Flamengo

Foi no Flamengo que Kunz alcançou o auge. Participou diretamente das campanhas invictas do Carioca de 1920 e do bicampeonato de 1921, sendo constantemente destacado pela imprensa esportiva da época pelas defesas consideradas espetaculares. No museu do futebol do Flamengo, figura na Galeria dos Monstros Sagrados.

FOTOS DE ARQUIVO RESTAURADAS POR IA



Seleção brasileira campeã de 1922. Em pé: Fortes, Formiga, Neco, Bartó, Lais, Palamone, Amílcar, Heitor Domínguez, Tatu e Rodrigues. Agachado: Kunz

Titular da seleção brasileira

Convocado inicialmente para o Campeonato Sul-Americano de 1920, no Chile, Kunz chamou atenção mesmo em uma campanha discreta do Brasil. No ano seguinte voltou a defender a seleção na Argentina, realizando atuações tão destacadas que, ao final de uma partida, foi carregado nos ombros por torcedores locais.

O reconhecimento internacional aumentaria em 1922. Na competição disputada no Rio de Janeiro durante as comemorações do Centenário da Independência, Kunz integrou a equipe que conquistou o título continental, considerado o primeiro grande troféu oficial da seleção brasileira.

Final da carreira

O futebol não era sua única atividade profissional. Entre 1925 e 1929 dedicou-se ao serviço público antes de retornar ao Flamengo para encerrar a carreira em 1931. Também atuou no ramo de artefatos de alumínio.

Em 1938, aos 40 anos, morreu em São Paulo após contrair uma infecção hospitalar decorrente de uma cirurgia de apendicite. A morte mudou o rumo da família. Viúva e com três filhos, Ondina precisou reconstruir a vida praticamente sozinha. A carreira do marido não deixou segurança financeira.

“Ela ficou com uma mão na frente e outra atrás. Não existia dinheiro no futebol. Por isso não deixava o meu pai seguir carreira como goleiro. Dizia que não queria ver os filhos passando pelo mesmo aperto que ela passou”, relata o Júlio Kunz Neto.